

ALA GOVERNISTA CONQUISTA O PODER E OFICIALIZA APOIO À REELEIÇÃO, MAS AVISA A FHC QUE QUER MAIS

PMDB DE OLHO EM 2002

Denise Rothenburg
Da equipe do **Correio**

“**N**ossa campanha para a Presidência da República em 2002 começa hoje com a busca de um projeto para o país. Vamos percorrer associações, sindicatos, entidades civis. Mostrar que o PMDB não sabe ter apenas passado, mas que tem presente, futuro e projeto”. Com esse discurso, o senador Jader Barbalho (PA) assumiu ontem a presidência do PMDB.

Quem será o candidato, os peemedebistas vão analisar depois. O objetivo foi mostrar que estão no jogo e deixar claro ao governo que o PMDB não dirá sim a tudo o que o presidente Fernando Henrique Cardoso propuser ao Congresso nos próximos anos. “Alinhamento automático só com a população”, disse Jader.

Pela primeira vez, o PMDB realizou uma convenção sem claque e sem povão. Jader foi eleito por 256 dos 527 convencionais do PMDB. Recebeu 368 votos dos 709 do diretório nacional (há convencional que tem mais de um voto na convenção).

Os que lutaram pela candidatura própria do PMDB nas eleições deste ano — Roberto Requião (PR), Orestes Quércia (SP) e Itamar Franco (MG) — não compareceram à convenção. Entre aqueles que pregaram a reeleição de Fernando Henrique, a ausência mais sentida foi a do governador do Rio Grande do Sul, Antônio Britto, que não é entusiasta da eleição de Jader para presidência do PMDB.

Ciente das restrições ao seu no-

Wanderlei Pozzembom



Jáder Barbalho (E), líder do grupo governista, tira o comando do PMDB das mãos de Paes de Andrade, que faz oposição a Fernando Henrique

me e do fosso criado entre a ala governista e a oposicionista, Jader procurou fazer a ponte. Começou o discurso homenageando Paes de Andrade e puxando-o para um projeto comum rumo à 2002.

Paes, que comandou o PMDB desde outubro de 1995 até ontem, não chegou a ouvir. Ele já havia saído do auditório Petrônio Portela: “Considero meu dever cumprido. Não me tiraram na marra e não

pedi nada. Saio porque a prorrogação de meu mandato termina hoje. Defendi os interesses legítimos do PMDB. Se tivéssemos lançado uma ampla frente de centro-esquerda, venceríamos as eleições

presidenciais”, disse ele.

O grupo de Paes não está mais no comando do partido. Dos 19 integrantes da nova Comissão Executiva Nacional — o centro de poder partidário — só há um represen-

tante dele: seu genro Eunício Oliveira, que era para ser secretário-geral e terminou o dia como tesoureiro, para prestar contas a Jáder.

TEATRO

Desde a noite de segunda-feira, a ala governista já havia acertado que não daria a secretaria-geral para Paes. Chegou até mesmo a simular uma disputa pela primeira vice-presidência entre Íris Rezende (GO) e Newton Cardoso (MG), um teatro que foi utilizado como desculpa junto ao grupo de Paes para justificar a retirada do nome de Eunício da secretaria, um dos cargos mais importantes, e colocar o deputado Saraiva Felipe (MG), da ala governista.

O primeiro ato da nova direção do PMDB foi aprovar uma moção de apoio à reeleição de Fernando Henrique — projeto acalentado desde junho, quando Paes, ao convocar a convenção, tinha como proposta apenas a candidatura própria.

Na época, Jader e os governistas boicotaram a reunião e o PMDB acabou oficialmente fora da sucessão presidencial. “Agora é oficial: O PMDB apóia a reeleição”, lembrou Jáder, em recado aos oposicionistas aliados ao PT.

Mesmo sem povo, o PMDB presente ficou animado com o discurso do novo presidente. Um dos mais empolgados era o senador Jose Sarney (AP), que já deixou a sala referindo-se à crise financeira como “fruto do modelo neoliberal em vigor no Brasil e no mundo”. Sobre candidatura em 2002, no entanto, Sarney não diz nem sim, nem não: “O futuro a Deus pertence”.